

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR



ANTOLOGIA DE CONTOS INDÍGENAS DE ENSINAMENTO

TEMPO DE HISTÓRIAS

DANIEL MUNDURUKU

ELABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA
MARIA JOSÉ NÓBREGA
E SAMIR THOMAZ

Richmond

SUMÁRIO

Carta ao Professor, **3**

Propostas de atividades 1, **8**

Propostas de atividades 2, **16**

Aprofundamento, **25**

Sugestões de referências complementares, **37**

Bibliografia comentada, **43**



CARTA AO PROFESSOR

Querida professora, querido professor,

Neste manual, oferecemos a você muitas sugestões para apoiá-lo em seu trabalho na mediação de leitura de **Antologia de contos indígenas de ensinamento: tempo de histórias**. A finalidade primordial destas propostas é estabelecer um intenso diálogo com a obra, visando a compreensão de seu funcionamento e a interpretação de seus efeitos.

Em conformidade com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a organização deste manual permite diferentes níveis de aprofundamento em relação às competências e habilidades estabelecidas pelo documento, bem como a articulação com diferentes áreas e seus componentes curriculares. Em função do tempo didático disponível e das possibilidades de planejamento possíveis em cada unidade escolar, é possível elaborar seu planejamento e adicionar seu tempero didático de modo a construir o roteiro mais adequado às necessidades de seus estudantes.

Boa leitura e sucesso em seu trabalho!

ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traioeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.



DANIEL MUNDURUKU,

O AUTOR DE ANTOLOGIA DE CONTOS INDÍGENAS DE ENSINAMENTO: TEMPO DE HISTÓRIAS

Daniel Munduruku nasceu em Belém do Pará e cresceu em meio à tribo indígena dos Munduruku. Formado em Filosofia, foi professor durante dez anos e atuou como educador social de rua pela Pastoral do Menor em São Paulo. Desenvolve atividades como contador de histórias em escolas da rede pública e particular de São Paulo e de outros estados. Participa, frequentemente, de ciclos de palestras e conferências, sempre destacando o papel da cultura indígena na formação da sociedade brasileira.

Tem diversos livros publicados, entre os quais *Coisas de Índio* e *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*, que receberam a menção de Livro Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Participou de filmes e documentários, como *Hans Staden*, premiado no Festival de Cinema de Gramado.

SOBRE A OBRA

Em meio à confusão e inquietude incessante das grandes cidades, regidas pelo tempo do relógio – um ditador que nos engole e nos exaure pedindo sempre mais pressa, mais produtividade e mais eficiência –, Daniel Munduruku nos vem falar de um outro tempo: um tempo circular, afinado à natureza e ao nosso ritmo interior. O autor relata um pouco de sua vida, ao mesmo tempo em que nos presenteia com histórias da tradição do seu povo – histórias que nos ajudam a aprender a viver.

Ficamos sabendo o modo como Daniel, ou Derpó, como ele é chamado entre os Munduruku, escolheu deixar de lado o mundo harmonioso e protegido em que cresceu para se aventurar pelo mundo desconhecido e caótico da cidade grande. Essa escolha difícil foi motivada por uma promessa feita a seu avô: a de passar adiante sua sabedoria. É assim que Daniel se torna professor ou, como ele costuma dizer, “confessor de sonhos”.

Se parte do seu conhecimento adquirido na infância tornou-se inútil na cidade (como caçar e subir em árvores, por exemplo), a sabedoria de seus ancestrais foi fundamental para que conseguisse sobreviver em território estranho. Às teorias sofisticadas aprendidas na faculdade de Filosofia, que muitas vezes apenas multiplicavam dúvidas e inquietações, Daniel antepõe uma filosofia mais simples, mas talvez mais humana – a de abrir cada dia como um novo presente e a de viver a vida sem ansiedade, afinando-se com seu ritmo interno.

Essa não é uma antologia de contos em sua forma tradicional – não se trata de uma coletânea de contos esparsos que são reunidos com o objetivo de oferecer ao leitor um panorama da produção literária a partir de um determinado tema. O que temos aqui são contos que aparecem ligados a um contexto – a visão de mundo e o universo pessoal de Daniel Munduruku. Como bem sugere Heloisa Prieto em sua apresentação, o que temos é um tecido de histórias intercaladas a outras histórias, como no clássico *As mil e uma noites*. Um tecido feito de histórias, experiências pessoais e reflexões do autor.

Os contos indígenas não aparecem como meros objetos de curiosidade antropológica – são narrativas vivas, que nos estimulam a rever nossos parâmetros. Ao nos relatar suas experiências de infância junto aos Munduruku, o autor nos insere no contexto do qual brotam as histórias que conta. E ao revelar sua visão a respeito da cidade grande, nos permite dirigir ao mundo um olhar crítico. Daniel oferece histórias para um mundo carente de mitos e ritos de passagem; um mundo em que somos obrigados a nos lançar para a vida, absolutamente inseguros e despreparados – sem o apoio de uma tradição coletiva, de uma sabedoria que nos ampare.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Conto

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Filosofia, Sociologia, Arte.

Competências Gerais da BNCC: 1. Conhecimento; 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural; 7. Argumentação; 8. Autoconhecimento e autocuidado; 9. Empatia e cooperação.

Temas: Projetos de vida; Inquietações das Juventudes; *Bullying* e respeito à diferença; Protagonismo juvenil; Cidadania; Diálogos com a sociologia e a antropologia; Ficção, mistério e fantasia.

FIOS E LINHAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA

Conta-se que Teseu, o maior herói ateniense, precisou, certa feita, enfrentar um monstro que tinha o corpo de homem, a cabeça de touro e se alimentava de carne humana fornecida, a cada vez, com o sacrifício de sete moças e de sete rapazes da cidade de Atenas: era o terrível Minotauro.

Não era só a bestialidade do monstro que investia a tarefa de enorme perigo, mas a dificuldade do percurso. O monstro vivia encerrado em um labirinto, onde os caminhos se entrecruzavam, sem que, para alguns, houvesse saída. Muitos antes de Teseu haviam tentado enfrentar o desafio, mas foram derrotados pela fera ou, quem sabe, encurralados nas armadilhas do labirinto.

Foi Ariadne, uma jovem enamorada, que, temendo pela vida do amado, arquitetou, com a ajuda de Dédalo, um plano para demarcar o percurso, possibilitando que Teseu atingisse o centro, enfrentasse o Minotauro e voltasse seguro pelo mesmo caminho. Ela entregou ao herói um novelo que continha um fio mágico, um fio que nunca acabava, sob medida para Teseu desenrolar suas aventuras e retornar vitorioso e em segurança pela rota assinalada. Um fio que desenrolava a história e permitia ao narrador retornar para contá-la.

Teseu, não se sabe bem por que, vai abandonar Ariadne e viver outras histórias. Tristes, mas necessárias rupturas.

Começamos esta conversa com um mito que fala de fios que costuram amores e aventuras, que se entrelaçam e tecem os diferentes destinos. Mas fios e linhas também enredam textos que se revelam nas diferentes leituras de cada leitor.

Um texto traz sempre um convite: "Decifra-me!". Um leitor é sempre um desbravador de sentidos. As leituras, como os caminhos, podem ser, às vezes, difíceis. Mas tudo fica mais fácil se outro leitor desenrola o fio que costura o que se vai compreendendo a cada linha, revelando, como em um bordado, imagens que antes pareciam ocultas.

O fio que desliza nos dedos de Teseu é de Ariadne, mas o caminho não é dela, é dele. O percurso do herói-leitor não é o mesmo de quem estabelece com ele os processos de mediação com o texto, de quem desata os fios da compreensão e da interpretação dos labirintos da linguagem escrita. As aventuras são próprias daquele que caminha e retorna com histórias para contar.

O jovem leitor já construiu autonomia para decifrar as letras: não precisa mais de fios que lhe revelem o que elas representam. Mas, ingressando pelas veredas do mundo da escrita, precisará de outros tipos de fios: há trilhas simples que seu grau de autonomia leitora alcança, mas há outras mais complexas, prontas a desafiá-lo com linhas emaranhadas: não há aventura se não há desafios.

Não se forma um leitor se não o encorajamos a ampliar seus horizontes, porque há mais histórias... como a de Aracne, por exemplo, tecelã que urdia suas narrativas em tapeçarias que eram tão lindas que acabaram por despertar a inveja da deusa Minerva, que a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade. Teias de histórias que se entrelaçam no território das palavras. Trouxeste o fio? Ou a chave?

Mas talvez quiséssemos saber mais a respeito de como aquele novelo chegou às mãos amorosas da jovem Ariadne. Ela contou com a engenhosa ajuda de Dédalo, criativo arquiteto, que por ter sido cúmplice do amor de Ariadne por Teseu, despertou a ira dos Deuses e acabou aprisionado no labirinto com seu filho Ícaro; mas, graças à sua enorme capacidade inventiva, confeccionou enormes pares de asas e acabou escapando.

Dédalo e Ícaro são personagens de outra bela história...

Como eles, leitores são espíritos livres que, tão logo podem, soltam os fios e voam. Dependem apenas das mãos amorosas de seus professores que, como Ariadne, encorajam e possibilitam o ingresso nos labirintos da escrita.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa encontram uma sequência de atividades cuja finalidade é permitir a formação de um sujeito leitor, responsável e crítico, capaz de construir sentidos de modo autônomo e de argumentar a respeito de sua recepção da obra, constituindo-se como uma personalidade sensível e inteligente aberta aos outros e ao mundo. Ao partir da recepção do aluno-leitor, de sua **leitura subjetiva**, procura-se ampliar suas competências com a aquisição de saberes sobre os textos e sobre si; ao compartilhar essa experiência, em uma **leitura colaborativa**, procura-se submeter o texto do leitor à arbitragem dos pares e à autoridade do texto.

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

◀ PRÉ-LEITURA

1. Nessa fase, você deve aproveitar para acostumar os alunos ao manuseio do livro: identificar o autor e a editora, verificar se o título é sugestivo, analisar a página de rosto, consultar o sumário, ler a quarta capa e observar outros aspectos gráficos do livro (fonte, tipografia e tamanho).
2. Apresente o livro à classe. Informe aos alunos que eles vão ler a *Antologia de contos indígenas de ensinamento: tempo de histórias*, de Daniel Munduruku.

Pergunte se já leram algum livro desse autor, se o conhecem e se sabem alguma coisa sobre o assunto. O conhecimento das características da produção literária de um autor também ajuda a construir expectativas a respeito da temática de um livro. Verifique se os alunos conhecem o autor e se eles se apoiam nesse conhecimento para construir expectativas a respeito da temática da obra.

3. Analise com os estudantes a capa do livro. Convide-os a observar a imagem que ela traz. Conseguem atribuir algum sentido? Como essa imagem se articula com o título? Que elementos conseguem identificar? Verifique se seus alunos estabelecem essa relação. E o título, que pistas fornece sobre a leitura? Ele especifica que os contos são “de ensinamento”. Investigue o que seus alunos imaginam que possa ser um conto de ensinamento. Essa atividade, além de estimular a imaginação dos alunos, certamente vai despertar maior interesse pela leitura.
4. Verifique se seus alunos conhecem algum conto da tradição indígena. Existem alguns bem conhecidos, como o do guaraná, o da vitória-régia

e o do nascimento das estrelas. Caso conheçam algum, peça que o relatem oralmente para a classe.

5. Apresente aos alunos o sumário do livro. O que observam? Estimule-os a criar hipóteses sobre o que vão ler. Pergunte se algum detalhe lhes chamou a atenção e por quê.
6. Explique aos alunos que o texto que aparece na parte de trás do livro é chamado de texto de quarta capa, onde se encontra a sinopse da obra. Com base nas informações contidas na sinopse, estimule os estudantes a criar hipóteses a respeito das histórias e pergunte a eles quais são suas expectativas de leitura.

AS ATIVIDADES DE LEITURA IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHECAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

◀ LEITURA

1. Solicite aos alunos que anotem as palavras e as expressões que eles não conhecem, pesquisando no dicionário ou deduzindo do próprio contexto em que aparecem.
2. Estimule os estudantes a verificar se as hipóteses levantadas por eles ao tomar contato com o título da obra, com a capa do livro e o sumário estão sendo confirmadas na leitura. Comente que comparar as hipóteses sugeridas com as escolhas do autor não é determinar o “certo” ou o “errado”, mas trabalhar com possibilidades. O leitor lê tendo em vista seus conhecimentos de mundo e sua experiência leitora, mas sua leitura apoia-se também nas pistas presentes no texto. Acompanhe a leitura deles fazendo sondagens esporádicas sobre o que estão achando dos contos, se a leitura é fácil ou difícil. Faça comentários levando-os a perceber como o escritor cria estratégias narrativas para inserir histórias dentro de seu relato.
3. Leve os alunos a perceber que o tempo é o eixo estruturante do livro. Não por acaso, a existência da cultura Munduruku se alicerça no tempo. No final da leitura, escreva na lousa os nomes dos capítulos do livro e peça a eles que digam, informalmente, o que estão aprendendo em cada um dos sete tempos da história, à medida que leem. Para cada escolha, peça ao estudante que a justifique.
4. Na epígrafe que abre o livro, na página 13, o autor afirma que educar jovens requer “irreverência, acolhida e dedicação”. Pergunte aos alunos: Vocês sentem isso na escola em que estudam? Por quê? Em que sentidos há ou não esses aspectos no lugar em que estudam? O que deve ser feito para que esses aspectos estejam presentes no cotidiano escolar, e, para o caso de estarem, o que pode ser melhorado?
5. No livro de Daniel Munduruku, menciona-se muito o valor do sonho. Peça aos alunos que relembrem os principais momentos em que o sonho é citado nas histórias, em que contexto isso se dá, que valorações lhes são atribuídas e que contrapontos são feitos à realidade.

6. Os relatos míticos obedecem a uma lógica própria, que é bem diferente da lógica do nosso pensamento racional. Solicite aos alunos que identifiquem nas histórias contadas pelo autor situações ou fatos que seriam considerados absurdos ou extraordinários do ponto de vista racional, mas que na lógica do mito fazem um significativo sentido.
7. Converse com os alunos sobre as diferentes narrativas e formas de narrar presentes no texto. Verifique se eles percebem que o autor intercala pelo menos três tempos em sua narrativa: um tempo mais atual, em que ele fala de sua experiência como professor numa escola do Ensino Médio; um tempo mais remoto, em que relata suas experiências de infância com os Munduruku até que decide se mudar para a cidade grande; e, por fim, um tempo mítico, simbólico, presente nos contos tradicionais de sua tribo, que lhe foram contados pelos seus pais e avós.
8. No decorrer do livro, o autor nos fala de um outro tempo, diferente do tempo do relógio, para o qual muitas vezes nos esquecemos de atentar. Discuta com seus alunos a natureza desse “outro tempo” e as razões pelas quais ele se diferencia do tempo ocidental.
9. Leia com os alunos a seção Autor e obra, para que se aproximem um pouco mais do universo de Daniel Munduruku. Os alunos provavelmente encontrarão algumas informações que complementam os sentidos do que o autor narra em sua história. Proponha a eles que escrevam, em poucas linhas, uma breve biografia, enumerando fatos e acontecimentos de sua história sem explicar o contexto em que se deram, como aparece no livro de Daniel Munduruku.

AS ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

◀ PÓS-LEITURA

1. Forme uma “roda da leitura” com a turma para conversar sobre a experiência que tiveram ao ler a obra. Sabemos que ampliamos nosso repertório textual também com a contribuição de outros leitores. Estimule-os a falar, fazendo as seguintes perguntas: O que acharam do estilo de Daniel Munduruku? Quais são as principais características da escrita desse autor? Qual personagem das histórias mais lhes chamou a atenção ou causou admiração? Instigue-os a comentar e a justificar por que se identificaram com determinado personagem, levando-os a analisar aspectos como os éticos, os sociais, os humanos, os míticos, os psicológicos, os físicos, entre outros.
2. Chame a atenção dos alunos para o fato de que há reiteradas críticas, em vários momentos do livro, ao conservadorismo da escola brasileira. Indague aos alunos se eles concordam com a colocação de Munduruku de que a estrutura educacional é conservadora. Em que aspectos a escola é e não é conservadora, e o que isso traz, nos dois casos, de positivo e negativo à educação. Peça que discutam entre eles o que seria, na prática, uma estrutura educacional “não conservadora”. Solicite que pesquisem algum centro educacional que tenha esse perfil. O que o diferencia dos demais? De que modo a forma de atuar em sala de aula de Daniel Munduruku contribui para uma educação mais irreverente, acolhedora e menos conservadora, no sentido que o autor confere a esse termo?
3. Pergunte aos alunos de que modo eles entendem a forma como o autor se autodenomina: não um professor, mas um “confessor de sonhos”. Que mudança de sentidos há de um termo para o outro? Qual é o papel do sonho na cultura dos Munduruku?
4. Há entre os indígenas Munduruku, e entre a maioria dos indígenas brasileiros, uma grande valorização do conhecimento dos mais velhos. Questione os alunos: Em nossa sociedade ocidental, como os mais velhos são vistos e tratados? Que paralelos você estabeleceria entre a forma de tratamento que os mais velhos recebem nas culturas indígenas e a forma como são tratados nas culturas ocidentais?
5. Solicite aos alunos que releiam este diálogo, presente na página 29:
 - Agora nada poderemos fazer. Você deu sua própria sentença de morte.
 - Que assim seja. Essa é a tradição de nossos pais. Eu violei a regra e tenho que pagar por isso. Peço, no entanto, pela vida do ser que trago dentro de mim.
 - Também ele terá que sofrer as consequências do ato de sua mãe.”

Aproveite o trecho para refletir sobre a força das regras entre os indígenas. Lembre aos alunos que, nos anos 1980, o então deputado Mário Juruna, o primeiro indígena a ser eleito para o Congresso Nacional, andava com um gravador a tiracolo para registrar em áudio as promessas dos políticos e depois poder cobrá-los. Comente que a ideia do deputado de usar o gravador, embora aparentemente ingênua, revela o princípio que permeia o livro de Munduruku, de apreço à palavra empenhada, de fidelidade a princípios e de obrigação de cumprir as promessas feitas. Em vista disso, peça aos alunos que respondam: Por que ter princípios, cumprir promessas, ser fiel a valores são hábitos em geral pouco praticados na sociedade contemporânea? Estaria a ética fora de moda em nossa época? Será que é algo do qual teríamos de nos envergonhar?

6. No final da página 56 e início da 57, Daniel Munduruku menciona a escola da cidade e a escola da floresta. Pergunte aos alunos que forem da escola da cidade (de acordo com a nomenclatura do autor): O que vocês gostariam de aprender que é ensinado na escola da floresta? Faça a mesma pergunta aos alunos da escola da floresta: O que gostariam de aprender que é ensinado na escola da cidade?
7. No capítulo 7, o autor relata que, ao entrar em uma sala de aula pela primeira vez para dar aula, os alunos o olharam como se ele fosse um extraterrestre (p. 75). Problematize com os estudantes esse olhar dos alunos ao autor. Por que tendemos a estranhar o diferente, nos aferrando à ótica da nossa cultura, do nosso senso comum? Converse com eles, ao final, sobre a necessidade desse

olhar aberto ao outro, considerando a diversidade humana.

8. Esses “contos de ensinamento” falam, fundamentalmente, de crescimento, de perda e de mudança, porém não de modo pessimista, mas de modo sereno e esperançoso. Proponha aos alunos que procurem identificar as principais transformações sofridas por Daniel ao decorrer de seu relato, apontando os momentos-chave de sua história.
9. O autor finaliza seu livro com um poema de Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Dê aos alunos algumas informações sobre a obra desse importante poeta, comentando seus heterônimos e se demorando um pouco mais em Alberto Caeiro, um “guardador de rebanhos”, que Pessoa considerava o mais sábio de todos. Leia o poema com a classe e discuta com os alunos o modo como os versos de Caeiro sintetizam a visão de mundo de Daniel Munduruku.
10. Peça aos alunos que tentem se lembrar de uma história que leram ou ouviram e que tenha sido bastante significativa em algum momento de sua vida. Proponha a eles que, à maneira de Daniel Munduruku, recontem essa história, relatando também, como pano de fundo, o momento de sua vida em que ela foi importante. Sugira a eles que escolham um poema com o qual se identifiquem para finalizar o relato.
11. Ao término do trabalho, uma boa ideia é organizar uma antologia com as narrativas produzidas e os poemas escolhidos pelos alunos. Seria interessante conversar com o professor de Arte para ajudá-los a produzir ilustrações e uma capa para a antologia.

POR MAIS "VERDADES DE MENTIRA" NA SALA DE AULA

SAMIR THOMAZ

Em uma pequena e aclamada obra chamada *A literatura em perigo*, o ensaísta e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), um apaixonado por literatura desde criança – seus pais eram bibliotecários –, chama a atenção para o fato de que, em nossa época, a literatura corre o risco de não mais participar da formação cultural e humana das pessoas.

Todorov se refere, de maneira crítica, à forma como a literatura é ensinada nas escolas já há algumas décadas e ainda nos dias de hoje, com base no formalismo-estruturalismo, que leva às conhecidas e muitas vezes aborrecidas aulas em que os alunos são obrigados a memorizar a periodização das escolas literárias e as teorizações sobre elas, ficando o texto propriamente, ou seja, a literatura, relegada a segundo plano.

Nascido em uma Bulgária nos tempos do domínio soviético sobre as repúblicas do leste europeu, se por um lado o jovem Todorov tinha duas bibliotecas à disposição – a de seus pais –, por outro, à medida que crescia e evoluía na escola – ele optou por cursar Letras –, era obrigado a conter seu entusiasmo e fascínio pelos clássicos da literatura e prestar reverência à ideologia oficial.

Para que seus estudos literários não fossem interrompidos (e para escapar da censura), ele dirigiu seus primeiros trabalhos como estudante, professor e escritor para as formas linguísticas do texto – estilo, composição, foco narrativo, análise gramatical –, que são neutras, despidas de ideologia.

Somente depois que foi para Paris – onde se fixou e concluiu seu doutorado – é que pôde, enfim, ter uma relação mais livre e direta com a literatura. “De meados dos anos 1970 em diante, perdi o interesse pelos métodos de análise literária e passei a me dedicar à análise em si, isto é, aos encontros com os autores”, afirma o ensaísta.

Leitor reprimido na juventude, a constatação de Todorov de que a literatura está em perigo, no entanto, foi feita bem mais tarde, em uma época, a nossa (seu livro é de 2007), na qual a maioria dos países vive em democracias, ou seja, as crianças e adolescentes têm liberdade para ler uma ampla variedade de autores, participam de feiras e bienais de livros e frequentam uma escola cada vez mais preocupada com a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, a diversidade cultural, o protagonismo juvenil, a tolerância, os direitos humanos e a formação cidadã. Sem contar as múltiplas possibilidades da internet, que democratiza o acesso à informação e, por conseguinte, à leitura.

Esta é a realidade de um país como o Brasil. Não obstante suas desigualdades socioeconômicas, que afetam dramaticamente não apenas os níveis de leitura, mas a apreensão do conteúdo das demais disciplinas do currículo escolar, os recentes programas governamentais de fomento à educação e incentivo à leitura têm procurado diminuir essas discrepâncias, fazendo com que crianças e adolescentes tenham cada vez mais contato com os livros, com a cultura e com o conhecimento letrado e científico.

Não é uma tarefa simples em um país continental. E, apesar dos esforços, este é um jogo que estamos perdendo e precisamos virar. O fato é que ainda se lê pouco em nosso país. Um dos reflexos disso são os pífios resultados dos estudantes brasileiros no Pisa (Programme for International Student Assessment), da OCDE, que avalia os conhecimentos de matemática, ciência e leitura de estudantes de 15 anos de idade. Na prova do Enem de 2019, chamou a atenção o fato de que, de um total de mais de 3,9 milhões de candidatos, apenas 53 tiraram a nota máxima em redação enquanto quase 150 mil zeraram³.

A razão pode estar, assim como na época do jovem Todorov, na forma como a escola tem lidado com o ensino de literatura. Enquanto na Bulgária dos tempos da guerra fria havia a repressão e a censura, no Brasil atual a escola continua insistindo no modelo formalista-estruturalista de aulas, com ênfase em escolas literárias e análises teóricas – o que, como defendem teses pontuais como as de Todorov, tende a afastar os alunos do encanto, do prazer das descobertas, do estímulo à crítica e à reflexão que a leitura dos bons autores proporciona.

Em um mundo no qual há um clamor pela ideia de verdade, mas que, paradoxalmente, é dominado pela pós-verdade e pelas *fake news*, os jovens talvez se ressintam da “verdade de mentira” que a literatura (e o cinema, o teatro, as HQs) possibilitam. É preciso que eles enxerguem

³ BERMÚDEZ, Ana Carla. Enem 2019: 53 candidatos tiraram nota mil na redação; 143 mil tiraram zero. UOL. Disponível em: <<http://mod.lk/enem>>.

na leitura (sobretudo na leitura de ficção) muito mais do que a obrigação de se inteirar de um volume de informações cifradas contidas em algumas dezenas de páginas (que é como muitos adolescentes veem os livros) com o objetivo efêmero de serem aprovados no vestibular e passem a perceber que a “verdade de mentira” escondida naquelas páginas é muito mais do que um mero enredo ou um simples relato.

Essa “verdade de mentira”, ao viabilizar a imersão em outra lógica de realidade, movida pela imaginação e pela fantasia, abre para eles uma infinita gama de possibilidades. É o velho e conhecido “what if?” dos escritores – em português, o “e se?”. E se isto acontecesse? E se determinado fato não tivesse sucedido do modo como se deu? E se um morto resolvesse escrever suas memórias póstumas? E se eu acordasse transformado em uma barata?

O contato com os grandes prosadores não apenas amplia o repertório cultural e de linguagem dos leitores, mas os liberta dos determinismos cotidianos de que muitos jovens são vítimas em um país como o Brasil: “E se a minha vida fosse diferente do que é?”.

Ao sair do real, a literatura nos traz um entendimento profundo do que o mundo é, das dimensões nem sempre discerníveis do tempo e do espaço, de quais coordenadas silenciosas regem nossas vidas em sociedade. Enfim, a leitura dos bons autores, do presente e do passado, nacionais e estrangeiros, nos dá uma consciência cidadã do nosso papel como ser humano em um mundo em que os valores cada vez mais se metamorfoseiam e se pulverizam.

Assim disse o jornalista e escritor José Castello, em uma entrevista para o Caderno 2:

Queremos sempre estar quites com o mundo, mas nunca conseguimos. Este “nunca conseguir” é a própria vida. Enquanto a ciência perfura as coisas em busca de seu centro e a religião se eleva na ilusão de vê-las por inteiro, a literatura dança em torno delas. Ninguém escreve um romance para dizer a verdade, ou chegar à verdade. Para a literatura, o mundo é um enigma em torno do qual só nos resta girar e dançar.

Cabe à escola, no geral, e aos professores, de modo particular, rever sua forma de atuar para atingir o coração e a mente do jovem do século XXI, ávido de conhecimento, de verdades, de vida, mas também das “verdades de mentira” com que a literatura, desde Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Victor Hugo, Machado vêm enriquecendo a alma humana.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa em diálogo com docentes de outros componentes curriculares encontram sugestões para uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo conexões entre a invenção literária e outras formas de discurso ou práticas do mundo social, considerando a obra literária como uma estrutura móvel, capaz de dar respostas diversas em diferentes contextos. As atividades propostas transitam entre o contexto de produção e de recepção da obra literária, procurando refletir a respeito das expectativas de cada período, de cada grupo social com o propósito de desenvolver a capacidade argumentativa e inferencial dos estudantes.

Assim como na seção Propostas de atividades 1, aqui a organização também se dá em atividades para os momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

◀ PRÉ-LEITURA

LÍNGUA PORTUGUESA A palavra *antologia*, presente no título, pode sugerir que o livro seja apenas uma simples coletânea de contos – o que não é o caso. Antecipe que o livro que estão prestes a ler se organiza de modo diferente. Peça que os alunos atentem para o modo como os contos se intercalam no decorrer do texto.

AS ATIVIDADES DE LEITURA IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHECAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

◀ LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Em relação à história “O jogo dos olhos” (p. 68), pergunte aos alunos se podemos comparar os olhos do caranguejo aos olhos de um típico leitor. Que analogias podemos fazer? Leve-os a compreender que também a literatura nos faz vivenciar experiências sem necessariamente estarmos no local em que as coisas acontecem. Ao terminar uma leitura, trazemos os nossos olhos de volta para a realidade, como o caranguejo faz com o seu par de olhos.

2. **SOCIOLOGIA** Questione os alunos sobre o aparente paradoxo entre a crítica ao conservadorismo da escola, feita ao longo do livro pelo autor, e a valorização da tradição, como neste trecho:

“[...] Nossas avós confirmavam isso dizendo da importância de confiarmos na nossa tradição, na história de nossa gente” (p. 25)

Indague dos estudantes: O que Daniel Munduruku quer dizer quando usa a expressão “conservador”? (p.13). E a que se refere quando fala em “tradição”? Não seriam termos sinônimos? Como você entendeu a oposição que o autor quis conferir entre esses dois termos? O que podemos aprender sobre a sutileza dos sentidos das palavras com esse aparente paradoxo?

3. **SOCIOLOGIA** Peça aos alunos que realizem uma pequena pesquisa sobre o modo de vida de outras tribos indígenas brasileiras – seus hábitos, seus costumes, seus mitos e suas crenças. Seria interessante reunir lendas de outras tribos para ler para a classe.

AS ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

◀ PÓS-LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** No início do capítulo 2, Daniel Munduruku faz um breve relato de sua infância. Peça aos alunos que, em um texto de no máximo 15 linhas, façam o mesmo. Oriente-os a eleger as lembranças mais significativas e estimule-os a treinar a síntese.
2. **LÍNGUA PORTUGUESA** O livro que acabaram de ler não traz os contos tradicionais que estamos acostumados a ler. Indague: O que difere as histórias contadas por Daniel Munduruku dos contos com os quais vocês estão acostumados? Por quê? Aprofunde a questão: Em vários momentos da narrativa, ele interrompe a história principal para contar algo que se passou em um momento anterior aos fatos narrados. Vocês acreditam que, nesse momento, as histórias dentro da história se aproximam do conto tradicional com o qual estamos acostumados? Por quê? Quais são os principais elementos das histórias inseridas na narrativa de Daniel Munduruku?
3. **FILOSOFIA** Na página 16, o aluno Helder faz um discurso em que discorre sobre a liberdade. Ao final, conclui: “Não. Ninguém pode ser livre”. Retome essa fala do aluno, e seus desdobramentos nos parágrafos seguintes, e coloque-a em discussão em uma roda informal com os estudantes. Pergunte se

concordam com o que diz Helder e por quê. O que, afinal, angustia o menino? E eles, sentem-se livres para fazer o que têm vontade? Por quê? Sentem-se escravos do sistema criado pelos seres humanos? Conseguem explorar a liberdade do pensamento, mencionada pelo garoto?

4. **FILOSOFIA** Pergunte aos alunos se eles sabem o que é dicotomia. Peça que, após consultarem um dicionário e descobrirem os sentidos dessa palavra, identifiquem e relacionem, em duplas, as dicotomias que o autor cria em suas narrativas. No final, indague: De que modo as dicotomias nos ajudam a entender o mundo? Qual é o perigo de reduzir o mundo a dicotomias? Que outras dicotomias conhecem?
5. **FILOSOFIA** Chame a atenção dos alunos para esta frase de Daniel Munduruku, que está na página 59 do livro: “Quanto mais se sabe, mais se domina”. Informe os alunos que ela dialoga diretamente com a frase do filósofo britânico Francis Bacon, considerado o último dos antigos e o primeiro dos modernos: “Saber é poder”. Explique, porém, que enquanto a frase de Bacon exaltava a ciência moderna, que estava em seus primórdios, “livrando-se” das restrições da Igreja e da visão medieval, a frase de Daniel Munduruku carrega em si um sentido crítico à mesma ciência.

Passados pouco mais de 500 anos desde o advento da ciência moderna, que críticas podem ser feitas ao saber exaltado por Bacon no século XVI, hoje dominante? E que sentidos tem a frase de Daniel Munduruku nesse contexto?

6. **FILOSOFIA** No trecho a seguir, após a história metafórica da raposa e do jabuti, na qual elege o jabuti como símbolo do tempo e compara a raposa à cultura ocidental, Daniel Munduruku faz uma afirmação reveladora, que dá sinais de sua forma de ver o mundo:

“[...] Tradição *versus* modernidade. Jabuti *versus* raposa. É um confronto milenar que continua se repetindo ainda hoje.

Acho que preferiria que fosse o jabuti e a raposa. Tradição e modernidade caminhando juntas.” (p. 62)

Pergunte aos alunos como acham que seria a tradição e a modernidade caminhando juntas. Será que isso já não acontece? Em que momentos prevalece a tradição e em que momentos a modernidade? Em que consiste essa velha disputa? O que uma e outra têm a contribuir com o mundo contemporâneo? Por que, desde o início da Modernidade histórica, não houve união entre elas, mas confronto? Por que ainda existe esse embate? Quem está ganhando? Quem está perdendo? E onde entra a visão de mundo indígena nesse contexto? Conclua, indagando: Ao colocar as coisas nesses termos, Daniel Munduruku estaria colocando em pauta os rumos da civilização? Ou propondo um meio termo?

7. **FILOSOFIA** Os indígenas valorizam o presente, não se preocupam com

o passado – embora o valorizem – e ignoram o futuro. Pergunte aos estudantes: Deixamos de viver o presente por estarmos acorrentados ao passado? Não aproveitamos o presente por temer o futuro? Aprofunde: Mas o futuro não é o presente que se desdobra em passado a cada segundo?

Reúna a turma em uma roda de conversa sobre o tempo. Ele existe? Ou existe porque pensamos nele? O que ele é? Como entendê-lo? O presente, tão valorizado pelos indígenas do livro, existe realmente? Podemos captar esse momento fugidio? Como lidar com o tempo sem nos angustiar com o fato de que ele passa, ainda que lentamente, e independentemente de nossa vontade? Conclua, perguntando: O que vocês têm feito do seu presente?

8. **SOCIOLOGIA** Na página 16, o autor faz referência a um “banquete antropofágico”. Explique aos alunos que o autor faz alusão aos costumes de algumas culturas indígenas de praticarem a antropofagia, ou seja, o canibalismo com inimigos capturados, por entenderem que, assim, incorporam as suas virtudes. Amplie a explicação dizendo que essa ideia foi alegorizada pelo Movimento Antropofágico, liderado por Oswald de Andrade, após a Semana de Arte Moderna de 1922, que a tomou como metáfora para simbolizar suas ações. O objetivo de Oswald e seus amigos literatos e artistas plásticos era o de trabalhar com a influência artística vinda de fora (sobretudo de Portugal e da França), por meio da “deglutição” dessas influências externas para regurgitá-las, ou seja, devolvê-las como arte genuinamente brasileira. Comente

que esse movimento teve fundamental influência nas artes brasileiras após a década de 1930, sobretudo nos anos 1960, com o movimento tropicalista na música e nas artes plásticas.

Peça aos alunos que, em grupos, organizem um evento tropicalista em sala de aula com base nos dois gêneros em que mais o Tropicalismo se destacou: a música e as artes plásticas. Para isso, oriente-os a fazer uma ampla pesquisa inicial sobre o tema, para que os vários aspectos sejam distribuídos entre os grupos de alunos formados. A ideia é que, ao final, o evento apresente um panorama do movimento. Lembre-os, no entanto, de não deixar de mencionar o ritual antropofágico dos indígenas, que foi onde tudo começou.

9. **SOCIOLOGIA** Em vários momentos dos relatos, o autor fala em ritual, um aspecto sempre muito lembrado quando se fala de culturas indígenas. Comente que toda sociedade tem suas tradições, seus costumes, seus rituais, seus ritos de passagem. Pergunte aos alunos: Qual é a função de um ritual para uma comunidade? Explique que, quando se diz ritual, queremos nos referir às práticas que fazem com que as pessoas experimentem situações que fogem à lógica normal de comportamento social, e que as alienam do dia a dia, para que expurguem de algum modo seus medos inconscientes ou sua tensão do cotidiano. Dê exemplos bem conhecidos, como o Carnaval, os rituais religiosos, um show musical, um jogo de futebol ou de outras modalidades esportivas. Por fim, questione-os: Vocês participam de algum tipo de ritual, individual ou coletivo, mesmo sem ter

consciência de que aquilo é um ritual? Peça aos alunos que se dispuserem a falar que relatem suas experiências e os efeitos que causam, ou mencionem os rituais do lugar onde moram.

10. **SOCIOLOGIA** Peça aos alunos que reparem na profissão de fé da diversidade cultural que há neste trecho:

“– Foi assim que surgiram os cães entre nós, meu filho. A gente não conhecia esses seres. Eles vieram de longe, do estrangeiro, e nos ensinaram a arte da caça. É nisso que nossa gente acredita. Nós, mulheres do nosso povo, nunca nos negamos a oferecer os seios para nenhum ser da floresta, pois ele pode ser um encantado que esteja querendo nos ensinar novas artes para viver bem.” (p. 32)

Peça aos alunos que façam comentários comparando o trecho destacado com as implicações da diversidade cultural em nossa época. De que modo essa inclinação humana ao acolhimento, à prática da alteridade e da tolerância tem sido negligenciada e até mesmo negada na vida real? Que fatos podem ser usados como exemplos? Quem são os responsáveis por essa negação da solidariedade entre diferentes? O que poderíamos aprender com os povos indígenas sobre respeito à diversidade?

11. **ARTE** Promova, se possível, a audição das canções a seguir, que se relacionam de algum modo com o universo indígena ou com as ideias do livro de Daniel Munduruku – os comentários sobre elas estão nas Sugestões de Referências Complementares deste encarte. Elas podem ser exploradas de diversas

maneiras em sala de aula, de acordo com a sua estratégia didática: a) podem servir de tema para a produção de textos, na qual os estudantes devem escrever de forma crítica sobre o que diz a letra; b) podem ser objeto de discussão em sala de aula; c) podem servir de sensibilização para o início de uma aula sobre algum tema explorado no livro. Em todos os casos, é fundamental que os estudantes tragam de casa a letra da canção impressa ou copiada. Instigue-os a buscar informações sobre os compositores e cantores, além dos gêneros musicais apresentados.

Araruna, com Marlui Miranda (vídeo de Moacir Silveira).

Disponível em: <<http://mod.lk/marlui>>.

Ação de Graças (Missa Kewere), com Marlui Miranda.

Disponível em: <<http://mod.lk/acaode>>.

Volte para o seu lar, de Arnaldo Antunes com Marisa Monte.

Disponível em: <<http://mod.lk/voltepar>>.

Oração ao tempo, de Caetano Veloso.

Disponível em: <<http://mod.lk/oracao>>.

Dias de luta, com a banda Ira!.

Disponível em: <<http://mod.lk/diasde>>.

Aqui e agora, de Gilberto Gil.

Disponível em: <<http://mod.lk/aquieago>>.

12. **ARTE** Promova, se possível, uma sessão de cinema em sala de aula com o filme sugerido a seguir, que tem como tema assuntos relacionados ao

universo indígena e aos seus interesses sociais, culturais e políticos. Ou solicite aos alunos que se organizem individualmente, em duplas ou em grupos, na casa de algum deles, para a realização da sessão. Estimule-os a buscar informações sobre o diretor e as lideranças indígenas cujos depoimentos compõem o documentário e a traçar paralelos com situações narradas no livro de Daniel Munduruku.

Índio cidadão? Documentário.

(Brasil, 2014) Duração: 52min.

Este documentário mostra momentos históricos da participação do movimento indígena na Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988), com a participação de lideranças como Ailton Krenak, Álvaro Tukano, Davi Kopenawa, Mário Juruna, Pirakumã Yawalapiti e Raoni Metuktire. O momento marcante é o pronunciamento de Ailton Krenak, com a presença de espírito do gesto de luto.

Disponível em: <<http://mod.lk/moviment>>.

13. **ARTE** Sugestão (vídeo): *Desafios para a decolonialidade*. Entrevista com Ailton Krenak. jul. 2019. Programa Diálogos. UnBTV. Duração: 20min25s. Conversa entre o artista indígena Jaider Esbell e o escritor e filósofo Ailton Krenak, considerado uma das maiores lideranças indígenas do Brasil, sobre o colonialismo e o pensamento decolonial. Disponível em: <<http://mod.lk/decoloni>>.

LITERATURA É APRENDIZADO DE HUMANIDADE

DOUGLAS TUFANO

A literatura não é matéria escolar, é matéria de vida.

A boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade e à inteligência do leitor, que assim se enriquece a cada leitura. A literatura não tem a pretensão de oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade; ao contrário, provoca o leitor, estimula-o a tomar posição diante de certas questões vitais. A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências e situações que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ao ajudá-lo a situar-se no mundo e a refletir sobre seu próprio comportamento.

Mas essa característica estimuladora da literatura pode ser anulada se, ao entrar na sala de aula, o texto for submetido a uma prática empobrecedora, que reduz sua potencialidade crítica.

Se concordarmos em que a escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdos, devemos então admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade de pensamento e de expressão.

E se aceitarmos a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma maneira de ver o real, entenderemos que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, pois pode ser uma excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, e ainda permite o diálogo com outras áreas do conhecimento.

O professor é o intermediário entre o texto e o aluno. Mas, como leitor maduro e experiente, cabe a ele a tarefa delicada de intervir e esconder-se ao mesmo tempo, permitindo que o aluno e o texto dialoguem o mais livremente possível.

Porém, por circular na sala de aula junto com os textos escolares, muitas vezes o texto literário acaba por sofrer um tratamento didático, que desconsidera a própria natureza da literatura. O texto literário não é um texto didático. Ele não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto. Ele é uma pergunta que admite várias respostas; depende da maturidade do aluno e de suas experiências como leitor. O texto literário é um campo de possibilidades que desafia cada leitor individualmente.

Trabalhar o texto como se ele tivesse um significado objetivo e unívoco é trair a natureza da literatura e, o que é mais grave do ponto de vista educacional, é contrariar o próprio princípio que justificou a inclusão da literatura na escola. Se agirmos assim, não estaremos promovendo uma educação estética, que, por definição, não pode ser homogeneizada, massificada, despersonalizada. Sem a marca do leitor, nenhuma leitura é autêntica; será apenas a reprodução da leitura de alguma outra pessoa (do professor, do crítico literário etc.).

Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitem a cada aluno dialogar com o texto, interrogá-lo, explorá-lo. Mas essas atividades não são realizadas apenas individualmente; devem contar também com a participação dos outros alunos – por meio de debates e troca de opiniões – e com a participação do professor como um dos leitores do texto, um leitor privilegiado, mas não autoritário, sempre receptivo às leituras dos alunos, além de permitir-lhes, conforme o caso, o acesso às interpretações que a obra vem recebendo ao longo do tempo.

Essa tarefa de iniciação literária é uma das grandes responsabilidades da escola. Uma coisa é a leitura livre do aluno, que obviamente pode ser feita dentro ou fora da escola. Outra coisa é o trabalho de iniciação literária que a escola deve fazer para desenvolver a capacidade de leitura do aluno, para ajudá-lo a converter-se num leitor crítico, pois essa maturidade como leitor não coincide necessariamente com a faixa etária. Ao elaborar um programa de leituras, o professor deve levar em conta as experiências do aluno como leitor (o que ele já leu? como ele lê?) e, com base nisso, escolher os livros com os quais vai trabalhar.

Com essa iniciação literária bem planejada e desenvolvida, o aluno vai adquirindo condições de ler bem os grandes escritores, brasileiros e estrangeiros, de nossa época ou de outras épocas. Nesse sentido, as noções de teoria literária aplicadas durante a análise de um texto literário só se justificam quando, efetivamente, contribuem para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois nunca devem ser um fim em si mesmas. A escola de Ensino Fundamental e Médio quer formar leitores, não críticos literários. Só assim é possível perceber o especial valor educativo da literatura, que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais diferentes situações. Literatura é aprendizado de humanidade.

Nesta seção, apresentamos aos professores de Língua Portuguesa orientações e subsídios que podem ajudá-los a ter claras as definições conceituais do cânone literário, já estudadas em seus anos de formação, mas sempre sujeitas a controvérsias (como veremos adiante), bem como às rupturas formais e instrumentais que a literatura, em sua dinâmica própria, estabeleceu ao longo dos séculos até os dias de hoje. Ao fazer da experiência humana matéria-prima de sua atividade, não se pode esperar que a literatura se deixe aprisionar em conceitos abstratos. No entanto, e sobretudo na escola, em que os alunos estão muitas vezes tendo o primeiro contato com a sistematização desse estudo, é preciso que eles conheçam as conceituações básicas, para que, com base nelas, ampliem e aprofundem o seu conhecimento.

Com essas orientações e subsídios, o professor poderá organizar a sua leitura e apreensão do fenômeno literário, para que possa explorar as suas potencialidades e aplicá-las de forma proveitosa e fecunda no contato com os estudantes, fazendo com que a aula de literatura extrapole o âmbito meramente daquele que sabe e daquele que aprende, mas se transforme em um diálogo vivo, uma troca criativa e inovadora que, sem dúvida, irá conduzir aquele que aprende ao conhecimento da literatura, mas também irá proporcionar àquele que sabe a experiência de poder rever seus conhecimentos, ampliando-os, à luz da comunhão que a leitura proporciona.

As orientações e subsídios a seguir contemplam ainda o diálogo que as obras literárias, naquilo que possuem de específico e de universal, estabelecem com as produções artísticas de outros gêneros, literários ou não, contemporâneas ou de outro tempo. Na já referida dinâmica própria do fazer e do fruir literários, que se acentuaram nos últimos séculos com o advento de novas formas de arte – haja vista as possibilidades que a revolução digital tem proporcionado tanto a quem lê quanto a quem produz literatura em nossos dias –, não é mais razoável nem satisfatório que a experiência dos alunos com os livros se circunscreva apenas ao âmbito das palavras, por mais ricas e infinitas que sejam. É necessário que eles adquiram um olhar pragmático para compreender de que modo aquilo que o escritor, dramaturgo ou poeta colocou em sua obra, com toda a sutileza e a singularidade com que foi concebido, pode ser visto de outros prismas estéticos, outras concepções artísticas, outros ângulos epistemológicos, enfim, outros olhares, sem deixar de ser fiel à “espinha de peixe” – expressão usada pela cineasta Suzana Amaral, pródiga em transpor obras literárias para o cinema, para se referir ao manancial de conhecimento do mundo ímpar que toda obra literária traz.

O GÊNERO DA OBRA

CONTO

Por ser considerado, genericamente, uma narrativa curta, duas características sobressaem no gênero conto: a presença de apenas um conflito que move toda a trama e a estrutura concisa contendo os cinco principais elementos da narrativa (narrador, enredo, personagens, tempo e espaço).

Sobre conter apenas um conflito, o escritor argentino Julio Cortázar, um exímio contista e um aficionado por boxe, em seu livro *Valise de cronópio* fez a seguinte comparação entre a narração e uma luta de boxe: enquanto no romance o escritor vence a luta por pontos, no conto ele a vence por nocaute no primeiro *round*. Em outras palavras: no romance, o embate narrativo se prolonga por vários capítulos; no conto, ele é resolvido com rapidez.

Essas características fazem do conto um dos gêneros mais lidos na atualidade. Numa época em que o tempo se transformou em uma “mercadoria” cada vez mais exígua e fugidia, a literatura tem se adaptado à falta de tempo do leitor médio para narrativas longas. Assim, o conto – bem como a crônica – se mostrou um gênero afeito a essa nova realidade, levando uma significativa vantagem sobre a novela e sobre o romance.

No conto, em geral, o recorte temporal costuma ser bastante reduzido e o espaço, limitado. Combinado com o fato de haver poucos personagens, muitas vezes apenas um, a tensão da trama logo se instaura na narrativa, com um desenlace rápido, mal dando tempo ao leitor de se acomodar na poltrona. Mas essa regra tácita do conto, como ocorre com o romance, com a novela e com a crônica, costuma ser quebrada pelos narradores modernos. Muitos contos do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, por exemplo, caracterizam-se pela extensão da narrativa, ainda que sejam uma leitura bastante acessível. Alguns deles foram publicados como obra autônoma e apresentados como novela, como são os casos de *O mistério de Marie Rogêt* e *Assassinatos na Rua Morgue*, embora sejam, “oficialmente”, contos. No Brasil, o exemplo mais conhecido dessa “desvirtuação” de gênero é o conto *O alienista*, de Machado de Assis, publicado e lido muitas vezes como novela.

O outro extremo da extensão do conto é o que passou a ser denominado como miniconto. Trata-se da concisão do conto levada ao paroxismo, a ponto de haver minicontos que contêm apenas uma frase. O mais conhecido deles é o miniconto do guatemalteco Augusto Monterroso, chamado *O dinossauro*, que consiste apenas da seguinte frase: “Quando despertou, o dinossauro ainda estava lá”. Não dá tempo nem de piscar, não é? No entanto, essa microcélula narrativa contém todos os elementos do conto clássico. Não se pode dizer que não há nele narrador, personagem, tempo, espaço e enredo.

Por sua curta extensão e diversidade temática, os contos têm favorecido a leitura em suportes como a internet, o que contribui para o aumento de sua popularidade. No Brasil, muitos romancistas, novelistas e poetas dedicaram-se também ao conto, como são os casos de Machado de Assis, Mário de Andrade, Lygia Fagundes Telles, Guimarães Rosa e Clarice Lispector; alguns, porém, embora se dediquem a vários gêneros, fizeram do conto um estado de arte, como Rubem Fonseca, Sérgio Sant’Anna e Luiz Vilela, sendo lembrados mais como contistas do que como autores de outros gênero. E há o caso especial de Dalton Trevisan, que cultivou o conto ao longo de sua vida, fazendo dele a sua especialidade.

Os contos de Daniel Munduruku que fazem parte de *Antologia de contos indígenas de ensinamento*: tempo de histórias fogem ao modelo clássico do conto tradicional e moderno, ao mesmo tempo que confirmam a pluralidade formal desse gênero. Por pertencer ao universo mítico, muito comum nas narrativas indígenas, a obra possui uma autonomia estrutural que a singulariza, situando-a entre a autobiografia, o relato, a memória e o conto, uma vez que entre as várias lembranças da formação de Munduruku em sua trajetória, da infância ao ofício de professor de Ensino Médio, o autor encaixa, com muita habilidade, breves relatos míticos, agregando também à trama os recursos do *flashback* e da caixa chinesa (ou boneca russa), uma forma original de histórias dentro da história.

SOBRE OS ESTILOS LITERÁRIOS

Para introduzir a questão da arte moderna, e, por extensão, da literatura moderna, seria bom considerar este comentário de 1956, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, que expressa uma concepção com que qualquer artista moderno ou contemporâneo concordaria:

"O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal. Do mesmo modo que cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria seu conceito de poema e, a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura, de arte. Cada poeta tem a sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo àquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa da sua. O que se espera dele, hoje, é que não se pareça a ninguém, que contribua com uma expressão original. [...]

Para empregar uma palavra bastante corrente na vida literária de agora, o que se exige de cada artista é que ele transmita aquilo que em si é o mais autêntico, e sua autenticidade será reconhecida na medida em que não se identifique com nenhuma expressão já conhecida. Não é preciso lembrar que, para atingir essa expressão pessoal, todos os direitos lhe são concedidos. [...]

Pode-se dizer que hoje não há **uma** arte, não há **a** poesia, mas há artes, há poesias. Cada arte se fragmentou em tantas artes quantos forem os artistas capazes de fundar um tipo de expressão pessoal."

NUNES, Benedito (org.). *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1971, p. 190-191. (Coleção Poetas Modernos do Brasil)

Como se vê, chegou ao fim a noção de “estilo”, “escola” ou “convenção” literária, tal como se concebia nos séculos anteriores. Esse é um processo que começa com o Romantismo, no século XIX, e atinge seu maior desenvolvimento no século XX. É a proclamação da independência estética do artista moderno, fenômeno que se verifica em praticamente todos os campos artísticos, da música à literatura e às artes plásticas. Cada artista cria sua própria concepção de arte. Daí a sensação de “estilhaçamento” quando observamos o panorama da literatura moderna e contemporânea. Hoje, estudamos autores e não grupos ou gerações literárias.

Isso não quer dizer que os escritores de hoje não tenham nada a ver com a tradição. Têm, sim, mas a diferença agora é que a forma de apropriação da tradição é feita de maneira absolutamente pessoal.

Os primeiros vinte anos do século XX, na Europa, assistiram a essa desintegração total dos chamados “estilos de época”, com repercussões profundas no Brasil a partir principalmente da década de 1920. A Semana de Arte Moderna de 1922 pode ser vista como um ponto de referência desse processo de transformação.

Ao falar da poesia brasileira do século XXI, Manuel da Costa Pinto reitera o que disse João Cabral, cinquenta anos antes. Sobre os poetas que selecionou para sua Antologia, diz ele: “[...] sem esquecer, é claro, que todo escritor possui uma singularidade irredutível a influências e recortes teóricos”. (*Antologia comentada dos poetas brasileiros do século 21*, Publifolha). É o reconhecimento do fim dos estilos que englobavam escritores de uma mesma geração ou época.

O QUE É LITERATURA?

Seria importante que os professores levassem o aluno a perceber que literatura é construção da linguagem. Isto é, ainda que tenha como referência o mundo real, a marca da literatura é o fato de ser ficção, ela é fruto da inventividade do autor. Literatura é, pois, recriação da realidade e não, como muitas vezes se diz, um “retrato” da realidade. E nessa recriação o autor tem plena liberdade, como disse João Cabral. Pode explorar formas de linguagem, criar palavras, imaginar enredos – nada o prende à realidade imediata. E é exatamente essa liberdade que torna a literatura um campo de possibilidades virtualmente infinito. Ao entrar nesse universo fictício, o leitor sabe que qualquer coisa pode acontecer. Não é um jogo de cartas marcadas, mas um espaço desconhecido a ser percorrido e descoberto.

Desenvolver esse novo conceito de literatura como uma “aventura” intelectual talvez seja o grande desafio da escola. O aluno não deve ler como se fizesse uma prova ou um questionário (como ocorre nos vestibulares, por exemplo). Deve ler como uma conquista, porque isso pode abrir seu horizonte existencial. Essa é a dimensão educativa da literatura.

O declínio da importância das “escolas literárias” levou ao declínio também da preocupação em reconhecer as características de cada uma, como uma lista a ser decorada. Por isso, hoje a literatura deve ser trabalhada como forma de enriquecimento e ampliação do universo emocional e intelectual do aluno. Esse deve ser o resultado das leituras feitas no Ensino Fundamental e Médio.

Nesse sentido, a diversidade de gêneros literários é importante para a formação do leitor, para abrir o seu horizonte, para mostrar-lhe o que ele pode usufruir ao longo de sua vida, e não apenas durante os anos escolares. A escola é apenas o ponto de partida, e não o ponto de chegada.

Por isso, mesmo um livro escrito há vários séculos, como *D. Quixote*, permanece atual. Porque proporciona essa aventura intelectual, esse voo da imaginação. Não para alienar o leitor, mas para fazer com que ele, no fim da leitura, volte à sua realidade e a veja com outros olhos. O diálogo da obra com o mundo em que vive o aluno é fundamental para que a literatura exerça seu papel educativo.

Essa nova concepção de leitura e formação do leitor é fundamental para as escolas criarem seus projetos de leitura, isto é, a seleção de livros que os professores *devem ler junto* com os alunos. Podemos identificar o conceito de educação de uma escola com base nos livros que ela indica e nos livros que ela *não* indica.

Por isso, o mestre Antonio Candido dizia que o acesso à literatura deveria ser um direito básico do ser humano.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

Em **Atividades de aprofundamento**, são apresentadas propostas que permitem compreender o funcionamento contemporâneo das convenções literárias relacionadas à obra, apoiar a leitura crítica, criativa e propositiva para explorar as potencialidades da escrita literária com os estudantes. Nessa seção, indicam-se também produções contemporâneas de outros gêneros (literários ou não) que permitem um diálogo intertextual com diferentes aspectos da organização da expressão literária e sua articulação com a experiência individual e social.

1. **FILOSOFIA** Como indígena, Daniel Munduruku expõe uma visão mítica do mundo. Indague: Em que consiste essa ótica mítica, mediante a qual ele faz seus julgamentos, age e se posiciona diante das coisas? Todos temos uma visão de mundo própria. Como se forma essa visão própria de cada pessoa? Quais os elementos que mais contam? Podemos falar em uma visão de mundo superior ou mais sofisticada que a outra? Ou de culturas primitivas em relação ao nosso modelo de mundo ocidental, baseado na razão greco-romana? Por quê? Perguntando de outro modo: Todas as culturas merecem respeito? Por quê? Por fim, indague: Você acredita que todas as culturas do planeta têm as mesmas funções sociais, independentemente de sua tecnologia, contato com a civilização ocidental, formas de se relacionar, lugar em que vivem? Aliás, podemos dizer que mesmo a cultura indígena mais isolada possui suas tecnologias? Peça que expliquem suas respostas.

2. **FILOSOFIA** Peça aos alunos que releiam este trecho:

“[...] Continuou na lenga-lenga de sempre, reclamando do seu monótono trabalho de sair da nascente e ir até o oceano” [...] (p. 20)

Comente com os estudantes que, assim como o rio se entediou por sempre seguir o seu curso monótono, nós também temos, de vez em quando, o desejo de mudar. Pergunte aos alunos: Por que isso acontece? Seria pelos mesmos motivos expostos pelo rio da história? Complemente: E vocês? Sentem de vez em quando o desejo de mudar? Como discernir desejos necessários das ilusões de mudança? Que agentes da sociedade influenciam nesse desejo de mudança?

Leve os alunos a compreender que é próprio do ser humano sentir vontade de mudança, seja no modo de pensar, seja do lugar onde se vive, seja nos relacionamentos etc. Pondere, no entanto, que há momentos em que decidimos mudar por uma decisão nossa, e momentos em que, quando nos damos conta, a mudança já aconteceu em nós. Por que isso acontece?

Para finalizar esse questionamento, acrescente que, no final, depois de pensar, conversar e viajar muito, o espírito do rio decidiu “permanecer rio” (p. 21). Indague aos alunos: Vocês já pensaram em ser outra pessoa? O que os levou a pensar isso? Fazendo a mesma reflexão feita pelo rio, houve algum momento em que decidiram “permanecer rio”, ou seja, permanecer vocês mesmos? Por quê? O que os levou a essa conclusão?

3. **FILOSOFIA** Quase no final do livro, Daniel Munduruku conta que entrou em uma universidade e foi estudar filosofia. No início do capítulo 3, no entanto, ele relata o seu estranhamento e o seu espanto ao chegar à cidade, depois de passar a infância e a adolescência em sua tribo. Comente que o espanto e o estranhamento do indígena diante do espetáculo da grande cidade eram o mesmo que os primeiros filósofos da história experimentaram diante dos fenômenos da natureza, sobre os quais passaram a fazer perguntas e, assim, criaram a filosofia, uma forma de conhecimento baseada na razão, que passava a competir com o conhecimento mítico, então predominante.

Aproveite essa explicação para criar hipóteses com os alunos: Ao escrever seu livro, teria Daniel Munduruku estabelecido esse paralelo entre seu espanto diante da metrópole e o espanto dos primeiros pensadores diante dos fenômenos da natureza?

Em seguida, na continuidade da narrativa, o autor conta de que modo o seu estranhamento foi diminuindo:

“Todo esse ‘estranhamento’ foi diminuindo à medida que ia conhecendo melhor a cidade e sua forma de ser” (p. 33)

Explique que há nessa passagem outra alusão indireta aos primórdios da filosofia. No Mito da Caverna, o filósofo grego Platão mostra, por meio de uma alegoria, que todo conhecimento novo nos causa estranhamento no primeiro momento, mas que, depois, vai se incorporando à nossa forma de pensar.

Peça aos alunos que busquem ler na internet o texto do Mito da Caverna (ele se encontra no livro *A República*, de Platão, mas há várias adaptações em livros e na internet) e estabeleçam conexões da passagem de Daniel Munduruku do seu mundo mítico para o mundo da cultura ocidental, baseado na razão nascida da filosofia. Indague-os: Ele aderiu ao pensamento da civilização ocidental ou fez concessões, mas mantendo os seus valores ancestrais? Em que momento do livro ele faz o elogio da união desses saberes? De que modo o conhecimento da tradição e seus novos aprendizados contribuíram para que ele chegasse a essa espécie de síntese de saberes? Conclua, perguntando: Por que o novo nos assusta? Em seu dia a dia, você está aberto a novos conhecimentos, ou acha que o que sabe é suficiente? Em um mundo tão polarizado como o atual, o que temos a aprender com a forma como o autor combinou modos de pensar tão diferentes e ao mesmo tempo com tantos pontos em comum?

4. **SOCIOLOGIA** Comente com os alunos que os relatos que leram pertencem ao universo indígena, baseado em uma visão de mundo indígena e contadas por um autor indígena. Pergunte a eles se essas histórias teriam o mesmo impacto se, mantendo a temática indígena, fossem contadas por um autor não indígena. Indague aos alunos: O que isso revela sobre a legitimidade de um relato contado por quem o viveu? Qual é a diferença de uma história contada por alguém que não a vivenciou na prática, da história de quem a vivenciou? Informe aos estudantes que essa condição singular de pertencer a uma ancestralidade e a uma etnicidade tem recebido o nome de “lugar de fala”. Pergunte aos alunos se já ouviram ou leram esse termo. Estimule-os a fazer uma breve pesquisa para compreender os seus sentidos no mundo atual. Acrescente que essa ideia, a de “lugar de fala”, vale também para outras categorias de pessoas que, por algum motivo, ou por vários motivos, foram “subalternizadas” ao longo da história, como os afrodescendentes e as mulheres.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

PARA O ALUNO

*LIVROS

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Neste livro, Harold Bloom, um dos principais críticos literários da atualidade, convida o leitor a uma saborosa viagem por grandes obras da literatura universal, como *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, *Crime e castigo*, de Dostoiévski, *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *Hamlet*, de Shakespeare, entre muitas outras.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Companhia de Bolso)

Nesta obra, o escritor italiano Italo Calvino (nascido em Cuba, mas levado à Itália logo após o nascimento) comenta com aguda percepção alguns dos autores mais importantes da tradição literária do Ocidente, mesclando gosto pessoal com nomes fundamentais do cânone literário universal, como Stendhal, Balzac, Flaubert, Tolstói e Borges. Calvino ainda fornece subsídios para compreender a controversa indagação sobre por que uma obra é considerada um clássico e por que lê-la, em ensaios que começaram a ser escritos no início da década de 1980 e até sua morte, em 1985.

ESOPO. *Fábulas completas*. Trad. Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 2021.

A obra traz 358 fábulas atribuídas a Esopo traduzidas diretamente do original grego. Os primeiros exemplos de fábulas gregas datam do século VIII a.C., o que mostra que Esopo não foi o inventor do gênero, mas sim o mais conhecido fabulista da Antiguidade.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Obra que se situa entre a narrativa de viagem e o ensaio científico. Neste livro, o antropólogo francês revela o mundo perdido dos Cadiueu, dos Bororo, dos Nambiquara e dos Tupi-cavaíba, com seus próprios estilos, linguagens e visões de mundo.

LLOSA, Mario Vargas. *Cartas a um jovem escritor*. Trad. Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. (Coleção Carta a um jovem...)

Obra escrita em linguagem coloquial por um dos grandes escritores da atualidade, prêmio Nobel de Literatura em 2010. Neste livro, o peruano Mario Vargas Llosa aconselha em capítulos temáticos um imaginário jovem escritor que está dando os primeiros passos na literatura, fornecendo dicas importantes nascidas da vasta experiência de Llosa com a escrita de romances, novelas e contos.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Cartografia da leitura elaborada por Ana Maria Machado, premiada escritora brasileira, que nesta obra apresenta aos jovens leitores um passeio apaixonado pelos textos clássicos da literatura universal.

MARTINS, Alberto; KOK, Glória. *Artes indígenas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Coleção Roteiros Visuais no Brasil)

A obra viaja até as origens da arte produzida no Brasil, que incluem a arte dos povos pré-cabralinos e das etnias nativas conhecidas pelos nomes genéricos de "índios" ou "indígenas", amparada em vasta bibliografia especializada.

MUNDURUKU, Daniel. *Histórias de Índio*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

Neste livro, o autor mostra vários aspectos do imaginário indígena brasileiro, apresentado do ponto de vista de um de seus integrantes. A edição inclui desenhos de crianças indígenas e fotos de aldeias Munduruku.

RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. São Paulo: Global, 2014.

Primeiro romance do educador e antropólogo Darcy Ribeiro, a narrativa mescla o universo mítico e o social, formando um espaço singular em que se desenvolve a trama. Nesta obra, Darcy Ribeiro revela seu ativismo e sua paixão pela causa indígena, além de seu amplo conhecimento teórico sobre o tema.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Nessas cartas, publicadas pela primeira vez em 1929, Rilke dá conselhos ao jovem poeta Franz Xavier Kappus, abordando temas ligados à produção poética, mas também a temas existenciais, com base em sua experiência como poeta e ser humano.

*CANÇÕES ↘

Araruna, com Marlui Miranda (vídeo de Moacir Silveira).

Araruna é um canto dos indígenas Parakanã, do estado do Pará, na região norte do Brasil. A letra da música fala sobre uma araruna, arara azul, em um quase lamento, que deixa a dúvida no ar: “Será que essa arara azul é minha? É minha ou é sua?”. Para em seguida acrescentar: “Araruna canta agora, Araruna vamos trabalhar. Aeore vai, Araruna, arara azul, voa”.

Disponível em: <<http://mod.lk/marlui>>.

Ação de Graças (Missa Kewere), com Marlui Miranda.

A música indígena é de uma riqueza e sensibilidade notáveis. Que tal penetrar um universo de sons bastante diferentes do que estamos habituados? Marlui Miranda pesquisou e estudou a música indígena por muitos anos e desenvolveu um trabalho notável no CD IHU – todos os sons, produzido pela gravadora Pau Brasil, com músicas e canções de diversos povos indígenas brasileiros.

Disponível em: <<http://mod.lk/acaode>>.

Volte para o seu lar, de Arnaldo Antunes com Marisa Monte.

Profissão de fé de um eu narrativo que afirma com orgulho os valores e costumes de sua cultura e repele qualquer interferência ou tentativa de catequização ou julgamento externo, uma postura muito próxima das etnias indígenas brasileiras.

Disponível em: <<http://mod.lk/voltepar>>.

Oração ao tempo, de Caetano Veloso.

Mistura de homenagem e oração em que o compositor conversa com o tempo considerando todas as nuances dessa entidade conceitual tão banalizada no dia a dia, sem perder a sua aura de mistério, que costuma fugir do alcance da nossa compreensão.

Disponível em: <<http://mod.lk/oracao>>.

Dias de luta, com a banda Ira!.

Canção de teor filosófico que exalta a sabedoria, a experiência, o silêncio e a habilidade de ouvir, mais do que de falar.

Disponível em: <<http://mod.lk/diasde>>.

Aqui e agora, de Gilberto Gil.

Letra que afirma o momento presente, o aqui e o agora, como o único com o qual devemos nos preocupar, por se confundir com a própria vida.

Disponível em: <<http://mod.lk/aquieago>>.

*REPORTAGENS ↘

DORRICO, Julie. Ouvir a diferença. *Quatro Cinco Um*: a revista dos livros. Publicação do jornal *Folha de S.Paulo*, 1º. out. 2020.

A matéria fala de obras voltadas para crianças, que se tornaram uma alternativa para autores indígenas ajudarem seus povos em meio à pandemia de Covid-19, em 2020.

Disponível em: <<http://mod.lk/ouvira>>.

*VÍDEOS ↘

Quando a pena do índio escreve. Com Daniel Munduruku. Super Libris. Duração: 27min23s.

O programa Super Libris apresenta o escritor Daniel Munduruku, um dos mais importantes autores indígenas brasileiros.

Disponível em: <<http://mod.lk/quandoa>>.

*LIVROS

PARA O PROFESSOR

GENEPP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Trad. de Mariano Ferreira. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

Texto teórico de importância fundamental para quem estuda cerimoniais, ritos, espetáculos de sociedades tribais ou complexas, antigas ou contemporâneas.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Em reflexões feitas durante a pandemia de Covid-19, em 2020, o filósofo e líder indígena Ailton Krenak aponta as tendências destrutivas da “civilização” ocidental, entre elas o consumismo, devastação ambiental e as diversas exclusões sociais em curso no planeta. *A vida não é útil* traz cinco textos adaptados de palestras, entrevistas e *lives* realizadas entre novembro de 2017 e junho de 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Parábola sobre os tempos atuais. Nesta obra, o líder indígena critica a ideia de humanidade como algo separado da natureza, premissa que estaria na origem do desastre socioambiental de nossa era. Krenak vem se destacando na discussão sobre as causas indígenas desde o seu discurso na Assembleia Constituinte, em 1987 (veja o documentário indicado), quando pintou o rosto com a tinta preta do jenipapo para protestar contra o retrocesso na luta pelos direitos indígenas.

MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna, 2012.

Cinco ensaios em que a escritora Ana Maria Machado discorre sobre literatura, literatura infantojuvenil, poesia e o seu processo de criação literária com base em sua trajetória de mais de cinco décadas como escritora, educadora, intelectual e jornalista.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Penguin-Companhia, 2010.

Considerado o inventor do gênero ensaio, esta reunião de seus principais ensaios mostra temas como o medo, a covardia, a preparação para a morte, a educação dos filhos, a embriaguez, a ociosidade, além do ensaio “Sobre os canibais”, inspirado no encontro que Montaigne teve, em Ruão, em 1562, com os indígenas da tribo Tupinambá, levados para serem exibidos na corte francesa.

MOSÉ, Viviane. *A espécie que sabe*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019.

Obra que descreve a jornada humana em direção ao pensamento filosófico por meio de uma linha que parte do surgimento do *Homo sapiens* até os dias atuais, suscitando dúvidas no leitor, como: O que somos? O que nos tornamos? Por que chegamos até aqui? De que modo podemos sair deste impasse?

*FILMES

Os últimos falantes da língua munduruku do Amazonas: os profetas da ancestralidade. Documentário. Itanaje Cardoso. 29 jul. 2017. Duração: 52min44s.

O documentário apresenta o capital linguístico e discursivo dos últimos falantes da língua munduruku do Amazonas. Os enunciados desses anciãos e anciãs se eternizam na história dos munduruku. Na Amazônia, indígenas da etnia Munduruku se organizam pelo reconhecimento de suas terras e pela preservação de sua cultura.

Disponível em: <<http://mod.lk/profetas>>.

Nova Munduruku (Brasil, França, 2014). Documentário. Coletivo Vira Lata/Companhia teatral La Lune Vagabonde. Duração: 52min.

Documentário indígena sobre a comunidade Nova Munduruku, produzido por uma equipe franco-brasileira a partir do convite do escritor Daniel Munduruku.

Disponível em: <<http://mod.lk/novamund>>.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

Coletânea de obras clássicas que estão na origem dos estudos literários sobre a ficção e seus elementos de composição.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Trad. João Alexandre Barbosa e Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Série Debates: Crítica)

A obra apresenta dezoito ensaios que discorrem sobre gêneros literários, o romance, o poema, o surrealismo, o fantástico, o estranhamento do ficcionista diante do mundo, entre outros.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

O que é um círculo de leitura? É um grupo de pessoas que se reúne com o objetivo de discutir a leitura de uma obra em um lugar qualquer – na escola, na biblioteca, em cafés ou livrarias, na casa de amigos e até mesmo em discussões *on-line*. Nesta obra, Rildo Cosson, professor na área de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de um círculo de leitura. Ele orienta e fornece embasamento para a criação de atividades que possam auxiliar educadores e leitores, ampliando a grande diversidade de interesses que existe na atividade de leitura, e convida o leitor a formar o seu próprio círculo de leitura.

COSSON, Rildo. *Letramento literário – Teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

Obra voltada para professores que buscam fazer do letramento literário uma atividade significativa para si e para os estudantes. No livro, o autor e professor Rildo Cosson, do Departamento de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mostra como reformular, fortalecer e ampliar o estímulo

à leitura no ensino básico para além das práticas usuais. Ele também analisa a relação entre literatura e educação, propondo a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugerindo oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento literário, orientando, assim, a produção de sequências de atividades com foco na leitura literária.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Estudiosa das questões que envolvem a interdisciplinaridade desde os anos 1970, formada pela USP, mestre em filosofia da educação pela PUC-SP e doutora em antropologia cultural pela USP, a professora Ivani Fazenda acredita que, “ao buscar um saber mais integrado e livre, a interdisciplinaridade conduz a uma metamorfose que pode alterar completamente o curso dos fatos em Educação; pode transformar o sombrio em brilhante e alegre, o tímido em audaz e arrogante e a esperança em possibilidade”.

GOTLIB, Nácia Batella. *Teoria do conto*. 7. ed. São Paulo: Ática: 1995. (Série Princípios)

Livro introdutório sobre o conto, mas já trazendo uma densa discussão sobre o assunto. Nesta obra, a professora Nácia Gotlib, da USP, expõe as estruturas desse gênero literário que tem apresentado variantes nas últimas décadas e ganhado leitores, sem deixar de ser fiel ao seu modelo clássico de narrativa relativamente curta.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. (Coleção Teoria Literária)

Obra dirigida aos pesquisadores em teoria literária e da arte, aos professores e estudantes de literatura e a todos os amantes da literatura. Discorre sobre a arte literária e seus elementos de formação.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Pequena obra introdutória pelos caminhos da literatura que analisa a ficção e seus elementos constituintes.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

Obra que reúne textos que tratam do processo de constituição da identidade pela leitura, recuperando vivências permeadas de afetividade que têm em comum o resgate do prazer do convívio com os textos literários.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Ler é quase sempre uma atividade solitária, que implica, paradoxalmente, uma abertura para o outro. Nesta obra, a antropóloga Michèle Petit discorre sobre as múltiplas dimensões envolvidas na experiência da leitura.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)

Nesta obra introdutória ao tema, a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Angélica Soares retoma a discussão iniciada por Platão e Aristóteles na Antiguidade grega sobre os gêneros literários e a natureza da obra literária, seja ela a epopeia, o conto, a crônica, o ensaio, a novela, perpassando as formas dramáticas (tragédia, comédia

e drama) e contemplando as recentes rupturas de paradigma trazidas pelo advento do pensamento pós-moderno nas letras e nas artes.

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura – Uma experiência com crianças de meios iletrados*. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1995.

A autora relativiza a ideia de que toda criança, ao chegar à escola, já traz consigo um conhecimento sobre a escrita – segundo ela, é preciso considerar a sua origem familiar e social e modular o aprendizado e a construção da leitura.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Todorov faz a crítica do ensino de literatura na atualidade, baseado no formalismo-estruturalismo, ao mesmo tempo que defende a leitura e a literatura como campos de aprendizado e de formação humana.

WOOD, James. *A coisa mais próxima da vida*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.

Os textos desta obra de James Wood, professor da Universidade de Harvard e ensaísta na revista *The New Yorker*, buscam identificar e comentar as relações entre literatura e realidade, discorrendo sobre temas como religião, morte, exílio, detalhe, mostrando de que modo a literatura percorre todos esses âmbitos da experiência humana.

(Todos os links de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 9 nov. 2020).